

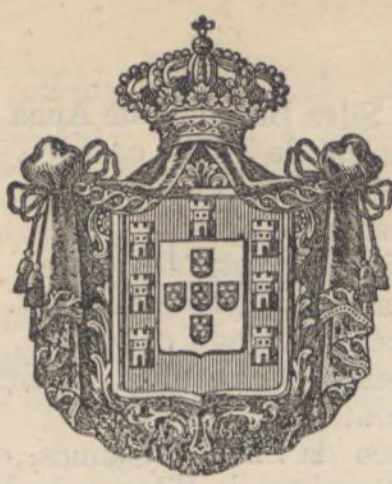
ASSIGNATURAS

Por um anno	10\$000
Por seis mezes	5\$000
Por tres mezes	3\$000

Avulso por folha	\$040
Anuncios, por linha	\$060

A correspondencia official da capital de Lisboa, na imprensa nacional, aonde igualmente se deve remetter, franca de porte, a correspondencia das provincias, assim como os periodicos que trocarem com o DIARIO DE LISBOA.

Anunciam-se todas as publicações literarias, de que se receberem dois exemplares.



DIARIO DE LISBOA

FOLHA OFFICIAL DO GOVERNO PORTUGUEZ

ASSIGNATURAS

Por um anno	12\$000
Por seis mezes	6\$000
Por tres mezes	3\$000

Comunicados e correspondencias, por linha	\$060
---	-------

A correspondencia das provincias, assim a official como a particular, ou seja para realizar assignaturas da folha, ou para a publicação de offeas, annuncios ou communicados, deve vir acompanhada da importancia das assignaturas ou do preço das publicações pedidas, sem o que não se lhe dará destino. Os annuncios serão dirigidos á loja da venda do DIARIO DE LISBOA, rua Augusta n.º 224 e 226.

Suas Magestades e Suas Altezas passam sem novidade em sua importante saude.

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO

DIRECÇÃO GERAL DE INSTRUÇÃO PUBLICA

3.ª Repartição

Pela direcção geral de instrução publica no ministerio do reino se hão de prover, precedendo concurso de 60 dias, que principiará em 14 do corrente mez, perante os commissarios dos estudos respectivos, as cadeiras de instrução primaria (1.º grau) de Guimarães, no districto de Braga; Altaredo, freguezia de Nossa Senhora da Graça, no de Leiria; Santo Quintino, no de Lisboa; villa nova da Barquinha, no de Santarém; e Penella da Beira, no de Vizeu: cada uma com o ordenado annual de 90\$000 réis, pagos pelo thesouro publico, e 20\$000 réis pela camara municipal respectiva; tendo além d'isso a de Altaredo casa conveniente e preparada para asento da escola pela junta de parochia.

Os que pretendem ser providos nas ditas cadeiras se habilitarão com certidão de idade de vinte e um annos completos, attestados de bom comportamento moral, civil e religioso, passados pelo parochio, pela camara municipal e pelo administrador do concelho ou concelhos onde tiverem residido os ultimos tres annos; certidão de folha corrida e de isenção do serviço militar, na conformidade da lei de 27 de julho de 1855; e documento por onde provem que não padecem molestia contagiosa; tudo reconhecido e selado. E logo que finde o prazo acima marcado lhes será assignado dia e hora para os exames, na forma do regulamento respectivo, e do programma já publicado.

Direcção geral de instrução publica, 10 de janeiro de 1860.—O conselheiro director geral, José Maria de Abreu.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

DIRECÇÃO GERAL DOS NEGOCIOS DE JUSTIÇA

1.ª Repartição

Por officio de 5 do corrente se declarou á presidencia da relação do Porto, que, estando vago o emprego de guarda menor da mesma relação por falecimento de Luiz da Silva Maia, deve abrir concurso na respectiva secretaria, por espaço de 30 dias, para o provimento do dito emprego; e proceder em tudo o mais nos termos da lei de 27 de julho de 1855, e do decreto de 3 de março de 1858.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA FAZENDA

DIRECÇÃO GERAL DA CONTABILIDADE

2.ª Repartição

Annuncia-se, em observancia da carta de lei de 24 de agosto de 1848, haver requerido D. Marianna da Conceição Lima Carvalho, na qualidade de viúva de Antonio Marcelino de Carvalho, porteiro do thesouro publico, o pagamento do que a este se ficou devendo, a fim de que qualquer pessoa, que se julgar com melhor direito ao vencimento que não chegou a ser-lhe satisfeito, ou a parte d'elle, requiera por esta repartição dentro do prazo de 60 dias, contado da publicação do presente annuncio, findo o qual será resolvida a mencionada pertença.

Segunda repartição da direcção geral da contabilidade do ministerio da fazenda, em 9 de janeiro de 1860.—Sebastião José Pedrosa.

3.ª Repartição

Tendo requerido José Maria da Silveira Torres, D. Maria da Gloria Machado Torres, e D. Maria Julia Machado Torres, os vencimentos que pelo titulo de renda vitalicia n.º 6:943 se ficaram a dever a sua mãe D. Margarida Emilia Machado Torres, fallecida em 13 de setembro de 1859; assim se annuncia, em virtude da carta de lei de 24 de agosto de 1848, a fim de que qualquer pessoa que se julgar com melhor direito aos ditos vencimentos o venha declarar dentro do prazo de 60 dias, contado da publicação do presente annuncio, findo o qual será resolvida esta pertença.

Terceira repartição da direcção geral da contabilidade, em 9 de janeiro de 1860.—Alexandre José da Silva e Almeida.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA MARINHA E ULTRAMAR

2.ª DIRECÇÃO—1.ª REPARTIÇÃO

Attendendo a que os mezes de agosto a dezembro em que, pelo artigo 10.º do decreto de 1 de outubro de 1856, os juizes de direito da provincia de Cabo Verde devem fazer a correição nos diversos julgados das respectivas comarcas, sem tempo de chuvas em Guiné, e em que aquella região é mais insalubre, em quanto os mezes de fevereiro, março e abril, ou são inteiramente saudáveis, ou muito menos doentes; usando da faculdade concedida pelo artigo 15.º do acto adicional á carta constitucional da monarchia: hei por bem, conformando-me com a consulta do conselho ultramarino de 26 de abril do corrente anno, determinar o seguinte:

Artigo 1.º A correição que o juiz de direito da comarca de Sotavento da provincia de Cabo Verde deve fazer annualmente nos estabelecimentos de Guiné terá lugar no tempo que decorre desde o principio de fevereiro até ao fim de abril.

Art. 2.º Fica revogado, para este fim sómente, o artigo 11.º do decreto de 1 de outubro de 1856. O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar o tenha assim entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 26 de dezembro de 1859.—REL.—Adriano Mauricio Guilherme Ferreri.

DESPACHOS QUE TIVERAM LOGAR POR DECRETOS DA DATA DE 4 DE JANEIRO DE 1860

2.ª Direcção—1.ª Repartição

Antonio Gomes Roberto, primeiro pharmaceutico da provincia de S. Thomé e Príncipe, transferido para o logar de segundo pharmaceutico do estado da India, conservando a graduação d'aquelle logar.

João José Pereira Amado, nomeado para o logar de primeiro pharmaceutico da provincia de S. Thomé e Príncipe.

2.ª Repartição

João Guilherme de Brito, concedendo-lhe as honras do posto de alferes de infantaria da provincia de Moçambique, de que foi demittido pelo haver requerido.

N.º 41

Repartição do chefe do estado maior da marinha 19 de dezembro de 1859

ORDEN DA ARMADA

S. ex.ª o ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e do ultramar manda publicar á armada o seguinte:

Portaria de 16 do corrente

Sua Magestade El-Rei, a quem foi presente o officio do governador civil do districto de Vianna do Castello, datado de 22 de outubro ultimo, dando conta do occorrido, por occasião do naufragio do hiate *Maria Augusta*, na tarde do dia anterior, na barra d'aquella cidade; recommendando no referido officio á consideração de Sua Magestade o pratico que serve a bordo do cabique *Serra do Pilar*, José Vieira Junior, e os grumetes do mesmo cabique, Firmino José Pinto, Silvestre da Cruz, Manuel Coutinho, e Valentim Bessa, assim como o commandante do dito cabique, Antonio Germano Tavares, pelo zelo e actividade que desenvolveu n'aquella conjunctura, para salvar a tripulação do hiate naufragado, e a mulher do mestre do mesmo hiate, que a não serem promptamente soccorridos por aquelles corajosos e humanos individuos, que debaixo do imminente perigo de vida correram a salvar a d'aquelles infelizes, teriam sido victimas: houve o mesmo Augusto Senhor por bem conceder aquelles benemeritos, pratico e tripulantes do indicado cabique, por despacho de 10 do corrente mez, como remuneração de tão valioso e distincto serviço, a medalha de prata, creada por decreto de 2 de novembro de 1852; e bem assim manda louvar o zelo, actividade e bom acerto nas medidas adoptadas pelo commandante do indicado cabique, Antonio Germano Tavares: o que tudo assim manda, pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, participar ao conselheiro chefe do estado maior da marinha, para seu conhecimento e devidos effectos.

Paço, em 16 de dezembro de 1859.—Adriano Mauricio Guilherme Ferreri.

Officinas de 16 do corrente

Participando que por decreto de 23 de novembro proximo findo foi nomeado cavalleiro da ordem militar de S. Bento de Avis o primeiro tenente da armada addito ao corpo de veteranos da marinha, Francisco Bernardo Holbeche.

Participando que ao aspirante a guarda marinha José Maria dos Anjos Vieira se concedeu licença para passar as feras, de 25 de dezembro corrente a 2 de janeiro proximo, em Cintra, na companhia de sua familia.

Portaria de 17 do corrente

Ordenando que o hiate *Bissau* passe mostra de armamento na proxima quarta feira 21 do corrente mez, e mandando nomear para commandante d'este hiate o segundo tenente da armada, Antonio Joaquim Rodrigues de Oliveira.

Em 17 do corrente

Transferido do hospital da marinha para o de Rialto, o escrevente d'esta repartição, João Francisco Teixeira.

Officio de 19 do corrente

Participando, que por portarias com salva e guarda, datadas de 16 do corrente, foi concedida a licença que pediram, o conselheiro inspector geral do arsenal da marinha, Francisco Antonio Gonçalves Cardozo, para poder acceitar e usar a condecoração do commandante da ordem do Leão Neerlandez; e o capitão tenente da armada, Francisco Pedro da Costa, a de cavalleiro da mesma ordem; que lhes foram conferidas por sua magestade el-rei dos Paizes Baixos, como prova da sua real benevolencia, pelos relevantes serviços por elles prestados na occasião do alvoroço que teve lugar em 30 de maio, a bordo do transporte de guerra hollandez *Algor*.

Em 19 do corrente

Nomeado commandante do hiate *Bissau*, sendo n'esta data mandado destacar do vapor *Mindello*, a fim de tomar o commando do referido hiate que deverá passar mostra de armamento no dia 21, o segundo tenente da armada, Antonio Joaquim Rodrigues de Oliveira.

AVISO AOS NAVEGANTES

(N.º 42)

BALTICO, GOLFO DE FINLANDIA—PHAROS FLUCTUANTES EM REVEL

O imperial ministerio da marinha russiana participo que, a contar do dia 12 de agosto de 1859, começaram a acender-se os pharos fluctuantes, recentemente collocados em navios para esse fim estabelecidos á entrada do novo porto militar de Revel, e que continuariam até ao dia 13 de dezembro, ou até se fechar a navegação do porto.

Dois d'estes navios pharos têm, cada um d'elles, uma luz branca fixa, e os outros dois, cada um d'elles uma luz vermelha fixa.

O apparelho de iluminação é uma luz com triplice reflector.

Os navios que têm a luz branca estão amarrados, um na parte norte da entrada de leste e outro na parte norte da entrada de oeste, e cada um respectivamente nos extremos leste e oeste do quebramar; os navios que têm a luz vermelha estão amarrados na parte sul das mesmas entradas.

A luz branca na canal da entrada de oeste illumina um arco de horizonte, desde o rumo SO. 3/4 S. até E. 3/4 NE. (e os mais rumos comprehendidos pelo lado do norte).

A luz vermelha do canal de oeste illumina um arco de horizonte desde SO. 4 3/4 S. até E. 4 3/4 NE. (e os rumos comprehendidos do lado do norte); e a luz vermelha do canal de leste illumina desde O. 4 NO. até SE. 4 S. (e os rumos comprehendidos do lado do norte).

As luzes brancas podem ser vistas do mar em tempo claro na distancia de 3 milhas.

Entrando no porto por qualquer dos canaes, a luz branca deve ser deixada ao norte, e a vermelha ao sul. Entrando pelo canal de leste n'um navio que

demande mais de 20 pés de agua, é mister ter attenção de não passar para o sul do paralelo da luz vermelha; entrando pelo canal de oeste, será necessario conservar as luzes d'este canal quasi em linha, demorando approximadamente a SE. 1/4 E. (Os rumos são magneticos).—A variação 8º NO., em 1859.)

Por ordem dos lords do almirantado—*John Washington*, hydrographo.—Londres, repartição hydrographica do almirantado, 15 de outubro de 1859.

(N.º 43)

BALTICO, GOLFO DE BOTNIA—PHAROS FIXOS EM BIORN-ROCK

O ministerio da marinha em Stockolmo participo que, a contar do dia 29 de Setembro de 1859, acender-se-iam os pharos novamente construidos em Biorn-Rock, demorando a N. 1/2 NE., duas milhas em distancia da ponta de leste da bahia Lofsta, na costa de oeste do golfo de Bothnia.

As luzes são brancas e fixas, e são collocadas, uma na cupula situada sobre a casa do pharoleiro, e a outra sobre a torre erigida na distancia de 120 pés ao noroeste da casa. Ellas illuminao o horizonte em todas as direcções, excepto o arco entre o S. e OSO., do qual se não vêem; quando demoram um pelo outro, ficam na linha NO. e SE. Ambas as luzes estão elevadas 42 pés acima do nivel da praia-mar, e em tempo claro serão vistas na distancia de 11 milhas.

A torre do pharol é octogonal, e é construida de madeira sobre base de granito; é alta de 23 pés, e fica no cume do rochedo Biorn, o qual está 18 1/2 pés acima do mar: a torre está pintada de vermelho até á janella e d'ahi para cima de branco. O telhado da casa do pharoleiro está pintado de vermelho, e a cupula situada sobre ella é octogonal e pintada de branco. Outra pequena casa, pintada de vermelho, se construiu tambem ao SO. 4 O., distante 80 pés da casa do pharoleiro; tambem ha uma casinha de granito, pintada de branco e tendo o telhado vermelho. Todos estes edificios são boas marcas para de dia.

A torre do pharol está na latitude N. 60º 37' 3/4, e na longitude O. 17º 59' 1/2 de Greenwich. (Os rumos são magneticos).—A variação 12º NO., em 1859.)

Por ordem dos lords do almirantado—*John Washington*, hydrographo.—Londres, repartição hydrographica do almirantado, 17 de outubro de 1859.

(N.º 44)

MAR MEDITERRANEO, ILHA DE MALTA—PHAROS DO PORTO NA PONTA TIGNE

O capitão do porto da ilha de Malta participo que, a contar do 1.º de novembro de 1859, duas luzes seriam collocadas no pharol ultimamente erigido em ponta Tigne, no lado do norte da entrada do porto de Marsa Musciet.

As luzes serão brancas, fixas e verticaes, situadas nas elevações de 46 e 71 pés respectivamente acima do nivel do mar, e em tempo claro serão visiveis na distancia de 4 milhas. Ellas darão luz para o mar desde o rumo NE. 4 1/4 N., e seguindo pelo leste e sul, pelo porto até ao Parlatório em Marsa Musciet, e passando este, só será vista a luz superior.

O pharol é circular e construido de pedra de Malta, sua altura é de 44 pés da base até á cimalla, e demora ao NO. e 183 pés para dentro a extremidade sueste da ponta Tigne. (Os rumos são magneticos).—A variação 13º 1/2 NO., em 1859.)

Por ordem dos lords do almirantado—*John Washington*, hydrographo.—Londres, repartição hydrographica do almirantado, 17 de outubro de 1859.

(N.º 45)

AUSTRALIA, ESTREITO DE BASS—PHAROL EM CABO SCHANCK

Em referencia ao aviso aos navegantes n.º 27-A, de 3 de maio de 1858, a repartição do commercio e alfandegas de Melbourne, Victoria, participo que a contar do dia 30 de junho de 1859 será illuminado o pharol recentemente construido em cabo Schanck, extremidade sul da peninsula que separa Porto-Philipe do Porto Western, na margem norte do estreito de Bass, costa meridional da Australia.

A luz será branca, permanente, e de dois em dois minutos será modificada por um brilhante claro, e será visivel de um navio ao mar quando for marcada entre os rumos O. 1/4 NO. e SE. 3/4 E.

A luz na distancia de 8 milhas ou mais (segundo o estado da atmosphera) apparecerá como uma luz firme pelo espaço de 1' repentinamente eclipsado por 25", e depois a luz firme reaparecerá, conservando-se proximo a 10", e novamente eclipsada durante 25", e então tornará a apparecer a luz firme.

Quando se estiver na distancia de umas 6 milhas do pharol, os eclipses serão observados com difficuldade, vindo-se n'esta distancia uma continua luz fraca em tempo claro, entre os intervallos dos clarões brilhantes. A luz está elevada 328 pés acima do nivel medio do mar, e em tempo regular pôde ser vista na distancia de 23 milhas.

O apparelho de iluminação é dioptrico ou por lentes de primeira ordem.

O pharol é circular, construido de pedra e pintado de vermelho. Está situado na parte mais alta do cabo Schanck na latitude de 38º 30' S., e longitude 144º 54' L. de Greenwich, ouave de meia milha NNO. de Pulpit-Rock.

Precaução.—Lembra-se aos navegantes que o baixo ao sul de Pulpit-Rock demora SSE., proximo a 3/4 de milha do pharol; os navios portanto ao passar o pharol devem dar bom resguardo a este baixo. (Os rumos são magneticos). A variação 8º 20' NE., em 1859.)

Por ordem dos lords do almirantado—*John Washington*, hydrographo.—Repartição hydrographica do almirantado, Londres, 19 de outubro de 1859.

(N.º 46)

AUSTRALIA, ESTREITO DE BASS—PHAROL FIXO EM O PROMONTORIO WILSON

Em addicção ao aviso aos navegantes n.º 27-A, datado de 3 de maio de 1858, a repartição do commercio e alfandegas de Melbourne, Victoria, participo que a contar do dia 15 de julho de 1859, seria illuminado o pharol recentemente construido no promontorio Wilson, na ponta mais meridional da Australia, estreito de Bass.

O pharol consta de uma luz branca, fixa, e visivel de um navio ao mar quando demorar entre SSO. e ENE., e sem contar a occultação proveniente da interposição das ilhas adjacentes, o pharol será encoberto entre os mencionados rumos e alguns graus mais para cada lado do seguinte modo: Quando demorar NE. 4 1/2 E., o pharol será eclipsado pela costa sul da ilha Cleit;

Quando a N. 1/2 NE., pelo centro da ilha Rodondo;

Quando a N. 1/2 NO., pelo rochedo Ten-foot;

Quando a NO. 1/4 N., pela ilha Oeste-moneur;

Quando a NO. 3/4 O., pela ilha Leste-moneur;

Quando a SO. 1/4 S., pela ilha Cliffo ou South-Seal;

Quando a SO. 4 3/4 S., pela ilha North-Seal; o

Quando a SO. 4 3/4 S., por cabo Wellington.

A luz está elevada 342 pés acima do nivel medio do mar, e em tempo claro deve ser visivel na distancia de 24 milhas.

O apparelho illuminatorio é dioptrico, ou por lentes de 1.ª ordem.

O pharol é circular, construido de pedra e pintado de branco. Fica collocado no lado do sueste do promontorio, e na latitude S. 39º 8', e longitude E. 146º 23'.

Advertencia.—Os navios seguindo pelo estreito de Bass, ou vindos do Porto-Philipe, e navegando para leste do promontorio Wilson, devem em primeiro logar ver o pharol pelo intervallo entre a ilha Cleit, e a ilha South-Glenzie, demorando a ENE., e quando navegam para o sul ou para leste, elle será eclipsado por alguns graus pela ilha de Cleit; quando demora a NE., o canal entre esta ultima ilha e a de Rodondo ficará claro, e os navios podem navegar com direcção ao promontorio.

Os navios que vão para leste das ilhas de Seal, e passando junto do promontorio, avistando o pharol mais para o sul do SO., estarão mais ao norte do caminho limpo, e devem portanto puchar para fora até que o pharol demore a NO. 4 S., e conservando o pharol a este ultimo rumo, irão safos das ilhas de Cliffo e de Seal. (Os rumos são magneticos). A variação 9º NE. em 1859.)

Por ordem dos lords do almirantado—*John Washington*, hydrographo.—Londres, repartição hydrographica do almirantado, 19 de outubro de 1859.

(N.º 47)

AUSTRALIA—COSTA MERIDIONAL

A repartição do commercio e alfandegas de Melbourne, Victoria, participo que, a contar do 1.º de setembro de 1859, serão collocadas desde o pôr até ao nascer do sol as seguintes quatro luzes de porto na costa meridional da Australia, e que posteriormente se darão as descrições da sua ordem ou outras particularidades respectivas.

PHAROL FIXO EM PORTLAND BAY

A luz é fixa e vermelha.

O apparelho é dioptrico, ou por lentes de 4.ª ordem.

O pharol fica proximo do pau da bandeira da bateria, na latitude 38º 22' sul, e longitude 141º 39' leste. Quando se collocou este pharol, alterou-se a luz da extremidade do molhe de vermelha para verde.

PHAROL EM PORTO FAIRY

A luz é fixa e vermelha, sujeita a um clarão de tres em tres minutos.

O apparelho é dioptrico, ou por lentes de 4.ª ordem.

O pharol acha-se na costa sueste da ilha Rabbit, a cerca de 10 jardas acima da linha do preamar; acha-se na latitude 38º 24' sul e 142º 19' leste de Greenwich.

Precaução.—Os maritimos são advertidos de que devem ter muita attenção em fazer distincção entre este pharol e o de Cabo Otway, sendo a luz d'este ultimo branca, e variada por um clarão de minuto em minuto.

PHAROS FIXOS EM LADY-BAY

O pharol sobre a costa de Warrnambool é de luz branca, fixa, dioptrico, ou por lentes de 4.ª ordem. O pharol está situado em a ilha Middle, na latitude sul 38º 26', e longitude este de Greenwich 142º 32'.

A contar do 1.º de janeiro de 1860 uma pequena luz vermelha de porto será collocada em uma torre, a fim de servir de marca aos navios para lhes indicar o caminho livre dos baixos: será visivel de qualquer navio ao mar, demorando entre noroeste e norte. A torre acha-se um pouco acima da linha do preamar, e na direcção de dois obeliscos de pedra, os quaes sendo marcados enfiando um pelo outro, demorando ao norte, indicará o caminho livre a seguir para o ancoradouro.

PHAROL EM PORTO-ALBERT

A luz será fixa, vermelha, variada por um clarão de tres em tres minutos.

O apparelho será dioptrico ou de lentes de 4.ª ordem.

O pharol acha-se situado na extremidade de leste da ilha La Trobe, no lado do norte do ilheu Corner. Sua posição é na latitude sul 38º 46', e na longitude leste de Greenwich 146º 38'. (Os rumos são magneticos.)

A variação durante o anno de 1859 foi:

Em Portland-bay 7º 1/2 NE.

Em Porto Fairy 7º 50' NE.

Em Lady-bay 6º 1/2 NE.

Em Porto Albert 5º 1/2 NE.

Por ordem dos lords do almirantado—*John Washington*, hydrographo.—Repartição hydrographica do almirantado, Londres, 20 de outubro de 1859.

(N.º 48)

AUSTRALIA, PORTO-FLIPPE—PHAROL FLUCTUANTE EM PONTA GELLIBRAND

A repartição do commercio e alfandegas de Melbourne participo que, a contar do dia 25 de julho de 1859, deixará de existir a luz vermelha do pharol da ponta de Gellibrand, que é a ponta mais occidental da entrada da bahia de Hobson em frente de Porto-Philipe, e em substituição á dita luz serão collocadas duas temporariamente n'um pontão fluctuante e amarrado junto á ponta Gellibrand, no sitio até agora occupado por uma boia preta.

As luzes são brancas, fixas e separadas entre si

de 24 pés. Ambas se acham elevadas 40 pés acima do nivel do mar, e em tempo claro serão visiveis na distancia de 10 milhas.

O pontão fluctuante tem um mastro, em cujo topo ha um balão. O casco, e o balão estão pintados de vermelho. O navio acha-se em 4 1/2 braças de fundo em baixa-mar, ficando a Ponta de Cook a SO. 3/4 O., distante 8 milhas; o antigo pharol na ponta Gellibrand a N. 4 1/2 NO., na distancia de 5 1/2 amarras; moinhos de assucar de Sandridge a NNE., a 2 milhas e 1 1/2 amarras de distancia; e a boia branca do banco de Santa Kilda a NE. 4 N., a distancia de 1 milha e 2 amarras.

Este navio de pharol será no principio de janeiro de 1860 substituido por outro novo, o qual mostrará uma luz branca de rotação. Os detalhes serão posteriormente dados. (Os rumos são magneticos).—A variação 8º NE., em 1859.)

Por ordem dos lords do almirantado—*John Washington*, hydrographo.—Repartição hydrographica do almirantado, Londres, 20 de outubro de 1859.

(N.º 49)

BALTICO, GOLFO DE BOTNIA—PHAROL FIXO NA ILHA DE BRAMO

O ministerio da marinha de Stockolmo participo que, a contar do dia 15 de outubro de 1859, será illuminado o novo pharol construido na ponta nordeste da ilha de Brama na costa occidental do Golfo de Bothnia.

O pharol consta de uma luz branca, fixa, a qual é visivel por um arco do horizonte para o mar e parte para a costa desde NO., e seguindo pelo norte até ao

Antonio Pinheiro Guimarães, de 35 annos, casado. Escolástica Rosa, de 25 annos, casada, filha de Pedro de Castro e de Maria de Brito, natural da ilha da Madeira.

Francisco da Rocha Gomes, de 19 annos, solteiro. Escolástico José Gonçalves, de 62 annos, solteiro, filho de Manuel Gonçalves e de Rosa Joaquina, natural da ilha Terceira.

Joaquim de Oliveira, de 60 annos, casado, filho de Manuel José de Oliveira e de Maria Pereira da Costa.

José Alves Tavares, de 26 annos, solteiro, filho de Joaquim Alves Tavares e de Anna de Barros, natural do Porto.

Pedro Homem, de 30 annos, casado.

Francisco Alves, de 55 annos, filho de Vicente Alves e de Luiza da Conceição, natural de Lisboa, sapateiro.

José Nunes Pinheiro, de 60 annos, casado, filho de José Nunes Pinheiro e de Maria Antunes, natural de Coimbra.

Manuel José Pereira, de 33 annos, casado, filho de José Pereira e de Catharina Maria Pereira, natural de Braga, carpinteiro.

Justina Rosa de Jesus, de 50 annos, solteira, natural da ilha do Pico.

Anna Emilia, de 20 annos, casada, filha de Manuel Francisco e de Rosaria Francisca, natural da ilha do Fayal.

Antonio José de Sousa da Rocha, de 40 annos, solteiro, filho de Mannel de Sousa e de Maria de Sousa, natural de Penafiel.

Maria Augusta Candida, de 26 annos, casada, filha de Manuel de Sousa Oliveira e de Anna Delina, natural da ilha Terceira.

José Gonçalves da Silva, de 18 annos.

Joaquim Pereira da Rocha, de 14 annos, filho de João Pereira da Rocha e de Theresza Alves Caetano, natural do Porto, charuteiro.

Miguel Ricardo, de 26 annos, casado, natural do Porto.

Maria Isabel Furtado, de 20 annos, solteira.

Antonio de Pinho, de 25 annos, solteiro, alfaiate.

Antonio Joaquim de Almeida, de 18 annos, solteiro, filho de Francisco José de Almeida e de Angelica Candida, natural de Braga, laticio.

José Alves de Oliveira, de 40 annos.

Manuel Baptista da Costa, de 32 annos, solteiro.

Maria, de 7 annos, filha de Manuel Machado de Aguiar.

Manuel Martins, de 21 annos, solteiro, caixeiro.

Domingos José Brandão, de 64 annos.

Beito Simões Vieira, de 25 annos, solteiro.

João Antonio da Silva, de 21 annos, solteiro.

Marianna Rosa, de 60 annos, viúva, natural da ilha Graciosa.

João Pinto de Abreu, 26 annos, natural da ilha da Madeira.

Antonio José Lopes, 60 annos, viúvo, trabalhador.

João Correia da Silveira, 22 annos, solteiro, caixeiro.

Domingos de Almeida Castro, 47 annos.

José Francisco de Sousa, 42 annos, natural de Lisboa.

Antonio Dutra, 43 annos, natural da ilha de S. Miguel, cavoeiro.

Domingos Francisco Fernandes, 18 annos, solteiro, filho de Engracia Maria Fernandes, natural da ilha de S. Miguel.

José Antonio de Barros, 32 annos, casado, filho de José Joaquim de Barros e de Anna Joaquina da Costa, natural de Barcellos, caixeiro.

Maria Ignacia Martins, 60 annos, viúva.

Angela Maria Poget, 70 annos, solteira.

Luiz Jacinto, 26 annos, solteiro, filho de José Jacinto e de Francisca de tal, natural da ilha de S. Miguel, cavoeiro.

Marianna, 2 annos, filha de José Moniz de Oliveira e de Maria da Estrella, natural da ilha de S. Miguel.

José Joaquim da Silva, 45 annos, solteiro.

Antonio Rodrigues.

Antonio Ferreira Antunes Guimarães, 29 annos, solteiro, caixeiro.

José Leite de Sá, 15 annos.

José da Silva Brígido, 32 annos, solteiro, filho de

Justino da Silva Brígido e de Anna Ferreira dos Santos, natural do Porto, canteiro.

Anna Maria da Conceição, 60 annos, solteira, natural de Leiria.

Domingos Dias da Costa, 31 annos.

Miguel Antonio Rodrigues de Barros.

Manuel Lourenço, 16 annos, solteiro, filho de Joaquim Lourenço e de Carolina Moreira, natural do Porto, charuteiro.

João Francisco da Silva, 17 annos, solteiro, filho de João Francisco da Silva e de Maria Carlota da Conceição, natural da ilha do Fayal, trabalhador.

Anna Jacinta, 56 annos, viúva, filha de Antonio Viveiros e de Maria de Jesus, natural da ilha de S. Miguel.

José Martins.

José Moniz de Oliveira Junior, 3 annos, filho de José Moniz de Oliveira Junior e de Maria da Estrella, natural da ilha de S. Miguel.

Francisco José do Espírito Santo.

Antonio José Ribeiro, 57 annos, solteiro, filho de Manuel José Ribeiro e de Maria Alves de Moura, natural de Basto, segeiro.

Antonio Alves dos Reis, 28 annos.

José de Sousa.

Manuel Antonio Campos, 56 annos, filho de José Antonio Campos, e de Maria Dias Moreira, natural do Porto.

Domingos José Ferreira, 21 annos, solteiro.

Maria Lauriana Bittencourt, 82 annos, viúva.

Antonio José Alvares, 40 annos, viúvo, filho de José Antonio e de Maria Theresza, natural do Porto.

Maria Emilia, 24 annos.

Pedro Pinto Monteiro, 26 annos, solteiro, filho de José Pinto Monteiro e de Anna Margarida de Jesus, natural do Porto, alfaiate.

José Martins, 20 annos, solteiro, filho de Magdalena da Silva, natural do Porto.

José Marques, 28 annos, solteiro, filho de Manuel Monteiro e de Maria Theresza, natural de Guimarães.

José Vicente, 60 annos.

Julio Antonio Vaz.

Francisco Joaquim Gomes da Costa, 33 annos, solteiro, filho de Francisco Joaquim Gomes da Costa e de Maria Theresza Ferreira, natural do Porto, carpinteiro.

O que se faz publico para conhecimento dos interessados.

Secretaria de estado dos negocios estrangeiros, em 5 de janeiro de 1860. — *Emilio Achiles Montevideo*.

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

Resumo do activo e passivo do banco mercantil portuense, em 31 de dezembro de 1859

ACTIVO		PASSIVO	
Existencia em dinheiro metalleo	484.375.001	Capital actual do banco	1.300.000.000
Letras descontadas e a receber	735.944.313	Diversos depositantes	466.481.271
Emprestimos sobre penhores	187.447.519	Obrigações do banco a prazo	28.970.374
Ações da companhia utilidade publica	9.720.000	Obrigações do banco a prazo	296.760.000
Custo de obras da casa forte	442.580	Juros das apolices vencidos e por pagar	3.176.000
Móveis e utensilios	699.345	Dividendos por pagar	2.734.000
Empréstimo ao governo para obras do Douro	64.094.558	Fundo de reserva	10.508.343
Idem ao dito para obras da barra	152.200.000	Ganhos e perdas	22.368.310
Apolices em ser	13.400.000		
Diversas liquidações	19.100.377		
Devedores em Lisboa e nas provincias	106.630.343		
Devedores no estrangeiro	279.326.525		
	2.131.007.561		

Porto e banco mercantil portuense, 2 de janeiro de 1860. — Os gerentes, *Carlos Francisco Monteiro* — *João Gomes de Oliveira e Silva*.

Está conforme. — Repartição do commercio e industria, em 7 de janeiro de 1860. — *João Palha de Faria Lacerda*.

ADMINISTRAÇÃO CENTRAL DO CORREIO DE LISBOA

CARTAS E JORNAIS RETIDOS POR FALTA DE SELLOS

Para Lisboa

Antonio Rodrigues — Florinda Maria de Jesus — John Caffary — Lucas da Silva Azevedo Castello, Luiz Can — Maria Adelaide Franco, Maria Luiza — Visconde de Villa Nova da Rainha.

Administração central do correio de Lisboa, 9 de janeiro de 1860.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DE MARINHA

O conselho de administração de marinha ha de comprar em hasta publica no dia 17 do corrente, pelo meio dia, na sala das suas sessões, 8 cascos de vinagre tinto para consumo da armada. As pessoas a quem convier a venda do dito genero queiram enviar as amostras d'elle ao referido conselho até ás tres horas da tarde do dia 16.

No dia 19 do corrente, pelo meio dia, na sala das sessões do conselho de administração de marinha se ha de pôr de novo em arrematação, sobre a offerta de 405 réis cada quintal, toda a sucata de ferro existente nos depósitos do arsenal da marinha. Sala do conselho de administração de marinha, 9 de janeiro de 1860. — *Antonio Joaquim de Castro Gonçalves*, secretario.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A empresa constructora precisa comprar 30.000 travessas para a via. As pessoas que pretendem fornecer-las deverão dirigir-se ao escriptorio central da empresa, largo do Callariz, onde se acharão patentes das dimensões e demais condições, desde o dia 9 até o dia 14 do corrente inclusive, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Lisboa, 7 de janeiro de 1860. — O chefe dos depósitos, *Carlos Joaquim Pereira Monteiro*.

EDITAL

Antonio dos Santos Monteiro, do conselho de Sua Magestade, director da alfandega grande de Lisboa, etc.

Faço saber aos donos ou consignatarios das mercadorias depositadas nos armazens d'esta alfandega e suas dependencias, que no ultimo de dezembro de 1859 preferiram cinco annos de demora, que, nos termos do artigo 3.º do decreto de 5 de março de 1857, as devem vir despachar, ou habilita-las, no prazo de trinta dias, para a continuação do depósito, sob pena de serem vendidas em leilão publico, na conformidade da lei.

E para assim constar, e a fim de que se não possa alegar ignorancia, mandei publicar este no *Diário de Lisboa*, e affixar outros identicos nos logares do estylo.

Alfandega grande de Lisboa, 5 de janeiro de 1860. — O secretario, *Manoel Teixeira Basto*, o fiz escrever. — *Antonio dos Santos Monteiro*.

D. Manuel I, cardeal patriarcha de Lisboa, aos reverendos parochos, ao clero, e aos fieis do nosso patriarchado, saúde e benção em Jesus Christo Nosso Salvador.

Onze annos têm já decorrido depois que o Santissimo Padre Pio IX, Summo Pontifice da universal igreja de Deus, concedeu e franqueou de novo a bulla da santa cruzada, a favor de todos os moradores d'estes reinos e suas conquistas, como é bem notorio aos fieis do nosso patriarchado.

N'este novo indulto, no qual, até ao exilio mostrou o pae commun dos fieis, quanto affecto lhe merecia a nação portugueza, não teve em vista Sua Santidade sómente abrir o thesouro das graças em seu favor, como ha muitos seculos costumavam fazer seus predecessores; mas quiz ainda, por meio das esmolas dos fieis portuguezes, contribuir para remediar a maior necessidade que soffria a egreja lusitana, que era a falta de bons seminarios diocesanos.

Pela bulla então publicada, e depois renovada no 1.º de janeiro de 1857, concedeu o Summo Pontifice Pio IX «Todos os privilegios, indulgencias, e graças já concedidas na bulla da santa cruzada, com o fim de serem principalmente applicadas as esmolas dos fieis á erecção de novos seminarios episcopaes, e ao melhoramento dos já existentes, para que em todo o reino, nas illas adjacentes, e nas provincias ultramarinas, se instrua sempre mais, e se forme um clero sempre digno de cumprir a sua divina missão, e continue a gloriosa tradição de nossos antepassados, na propagação e conservação do evangelho».

Sendo bem conhecido de todos os nossos amados subditos o desvelo com que procuramos melhorar e aperfeiçoar em todos os pontos o seminario de Santarem, para que venha a ser um estabelecimento completo em que floresçam todos os ramos das disciplinas ecclesiasticas, como cumpre á dignidade do patriarchado, e á maior instrução e melhor educação do clero, tambem facilmente comprehendão quanto empenho temos em que todos elles contribuam, tomando a bulla da santa cruzada, para se realisarem as pias intenções do vigario de Jesus Christo, que são igualmente as de Sua Magestade El-Rei, e vermos em fim florescer entre nós a virtude e a religião pelo ministerio de parochos instruidos e zelosos, e de edificantes sacerdotes.

Não menos se convencerão os nossos amados subditos das importantes bens temporaes e espirituales que lhes hão de resultar de tomarem todos a bulla da santa cruzada, contribuindo d'este modo para a prosperidade e engrandecimento do seminario patriarchal. Dizemos bens temporaes, porque muitos dos alumnos, desfavorecidos da fortuna, mas com vocação e talento, são educados pelo subsidio da bulla, virão um dia a ser não só o ornato do sanctuario, mas tambem o amparo e a honra de suas familias. Dizemos bens espirituales, porque os pae e protectores de taes alumnos se edificarão nesta vida com as virtudes e bom exemplo de seus filhos ou parentes, e serão na outra soccorridos com as orações d'aquelles, cujos benfeitores foram.

Para que sigam tão desejados fins, muito effizamente tem contribuido e esperamos continue a contribuir o subsidio da bulla da santa cruzada; porém, por mais ardentes que sejam os desejos que a ex.ma junta tenha de propor a Sua Magestade mais avultados soccorros a beneficio dos seminarios, não os poderá realizar se a piedade dos fieis em tomar a bulla não for cada vez mais effizativa e fervorosa.

Assim confiámos grandemente no zelo dos reverendos vigarios geraes, vigarios das varas, parochos e mais ecclesiasticos, que hão de empregar todos os meios de persuasão para convencerem os fieis da importancia e utilidade, espiritual e temporal, da bulla da santa cruzada, e que se não descuidarão de lhes aconselhar, com paternal affecto, que não desprezem tão piedoso meio de santificação. Por este zelo, que muitos de nossos cooperadores têm já mostrado, e que esperamos continuarão a mostrar cada vez mais, lhes testemunhamos aqui o justo e bem merecido louvor.

Não podemos supor que entre os membros do nosso clero algum haja, tão esquecido de seu caracter sacerdotal, que scandalise os fieis, menosprezando os valiosos effeitos da bulla da santa cruzada, ou mostrando uma reprehensivel indifferença a respeito das graças que por ella nos são concedidas. Es-

1 Foi expedida de Gesta a 22 de janeiro de 1849.
2 São as proprias palavras da bulla.

DIRECÇÃO GERAL DO COMMERCIO E INDUSTRIA

Repartição do commercio e industria — 4.ª secção

Relação de todos os barcos pescadores nacionaes arribados ao porto de Tanger durante o anno de 1859

NOMES DAS EMBARCAÇÕES	TEMPERATURA DA EMBARCAÇÃO	QUALIDADE DA EMBARCAÇÃO	NOMES DOS MESTRES	CARTAS DE SAUDE		ARRIBADAS					
				DE ONDE	DATAS	1.ª	2.ª	3.ª	4.ª	5.ª	6.ª
Senhora do Rosario	19	Cahique	João Fernandes	Olhão	3 de maio	6 de maio	13 de maio	30 de maio	8 de junho	—	—
S. José	2	Lancha	José Luiz	Fuzeta	10	13	30	7 de agosto	—	—	—
Senhora do Carmo	9	—	António da Cruz	Villa Real de Santo Antonio	25 de abril	—	21 de maio	30 de maio	16 de junho	—	—
Senhor Jesus dos Passos	9	—	José da Silva	—	25 de abril	—	21 de maio	30 de maio	16 de junho	—	—
Senhora do Livramento	5	—	Domingos da Rocha	Fuzeta	10 de maio	—	11 de agosto	30 de maio	2 de agosto	24 de agosto	—
Senhora do Rosario	10	Barco	Antonio da Cruz Xarrio	Olhão	3	—	21 de maio	30 de maio	8 de junho	—	—
Senhora do Carmo	15	Cahique	Joaquim da Paixão	Villa Real de Santo Antonio	3	—	—	—	—	—	—
Senhora da Soledade	17	—	José Lourenço	Olhão	7	—	—	—	—	—	—
Santo Antonio e Almas	6	Lancha	João Gomes	—	3	—	—	—	—	—	—
Idem	6	—	Domingos de Sousa	—	3	—	—	—	—	—	—
Cesar	19	Cahique	José Joaquim	—	6	—	8 de junho	—	—	—	—
Senhora do Rosario	16	—	Domingos Lourenço	—	3	—	—	—	—	—	—
Bom Sucesso	16	—	Manuel Pereira Calafate	—	2	—	21 de maio	30 de maio	8 de junho	—	—
Senhor do Bom-despacho	15	—	Lourenço Fernandes	—	11	—	1 de julho	16 de julho	—	—	—
Santo Antonio e Almas	8	—	Manuel José	—	7	—	21 de maio	30 de maio	2 de agosto	20 de agosto	4 de setembro
Senhora do Rosario	15	—	Antonio da Cruz	—	10	—	8 de junho	—	—	—	—
Senhor do Bomfim	12	—	José Martins	—	3	—	21 de maio	30 de maio	8 de junho	—	—
Senhora do Rosario	15	—	José Pereira	—	3	—	21 de maio	30 de maio	8 de junho	—	—
Santa Rita	15	—	João Francisco	—	5	—	21 de maio	30 de maio	8 de junho	—	—
Santo Antonio e Almas	14	—	Francisco Maria	Fuzeta	9	21	23 de julho	4 de agosto	11 de agosto	30 de agosto	—
Senhora do Carmo	7	Lancha	Manuel Fernandes	Olhão	3	—	16 de junho	23	2	—	—
Senhora do Rosario	7	—	Francisco José	—	3	—	—	—	—	—	—
Idem	5	—	João Gonçalves	—	19	30	30 de maio	8 de junho	—	—	—
Senhor do Bomfim	14	Cahique	Manuel Antonio	—	18	30	8 de junho	—	—	—	—
Senhora da Piedade	14	—	Inocencio do Carmo	—	6	—	—	—	—	—	—
Senhora do Rosario	15	—	Antonio José	—	12	—	—	—	—	—	—
Senhora da Conceição	13	—	Manuel da Cruz	—	23	—	—	—	—	—	—
Senhora do Livramento	14	—	Salvador da Cruz	Fuzeta	22	—	—	—	—	—	—
Santo Antonio e Almas	10	—	Manuel Luiz	Olhão	20	—	—	—	—	—	—
Senhora da Conceição	12	—	Antonio da Cruz	Fuzeta	23	—	8 de junho	—	—	—	—
Santo Antonio e Almas	13	—	José Pereira	—	23	—	8 de junho	—	—	—	—
Santissimo Sacramento	13	—	Agostinho Ferreira	Olhão	10	—	—	—	—	—	—
Senhora da Boa Viagem	12	—	João Martins	—	20	—	—	—	—	—	—
Senhor do Nascimento	14	—	Manuel Antonio	—	15	—	—	—	—	—	—
Senhora do Rosario	11	—	João Paulo Rebelo	Fuzeta	19	—	8 de junho	—	—	—	—
S. João	11	—	José Pecoito	Olhão	14	—	—	—	—	—	—
S. João Baptista	14	—	João Mandes	—	10	—	—	—	—	—	—
Senhora do Rosario	15	—	João José	Fuzeta	18	—	—	—	—	—	—
Nome de Deus	9	—	Marcos da Conceição	Olhão	22	—	—	—	—	—	—
Oliveira Feliz	11	—	Christovão Lopes	—	21	—	8 de junho	—	—	—	—
Santo Antonio e Almas	12	—	Inocencio José	—	21	—	—	—	—	—	—
Senhora da Soledade	15	—	João Lopes	—	15	—	—	—	—	—	—
Santo Antonio e Almas	13	—	Manuel Antonio Pestana	—	17	—	—	—	—	—	—
Senhor do Bomfim	14	—	José Pereira	—	11	—	—	—	—	—	—
Santa Rita	14	—	Antonio José	Villa Real de Santo Antonio	20	—	—	—	—	—	—
Felis Lembrança	14	—	João da Cruz	—	25	—	—	—	—	—	—
Bella União	13	—	Francisco Lourenço	—	21	—	8 de junho	—	—	—	—
Senhora do Rosario	14	—	Domingos de Sousa	—	21	—	—	—	—	—	—
Senhor do Bomfim	14	—	Francisco Carlos	Fuzeta	8	—	8 de junho	—	—	—	—
Idem	10	—	José Martins Branco	Olhão	14	—	—	—	—	—	—
Santo Antonio e Almas	10	Canoa	Manuel da Graça	Villa Real de Santo Antonio	4 de abril	16	—	—	—	—	—
Senhora do Rosario	10	Cahique	Manuel da Graça	Olhão	5 de maio	25	5 de agosto	14 de setembro	—	—	—
Idem	10	—	Ismael Martins Rato	—	6	—	1	—	—	—	—
Idem	9	—	Antonio Gomes	—	3	—	18 de julho	—	—	—	—
S. Domingos	5	—	Bartholomeu Fernandes	—	3 de julho	20	7 de agosto	—	—	—	—
Senhora do Rosario	7	Canoa	João Seriol	Villa Real de Santo Antonio	16	23	5	—	—	—	—
Senhora do Carmo	14	Cahique	Lourenço de O.	Villa Real de Santo Antonio	14 de junho	—	—	—	—	—	—
Senhora do Rosario	9	—	José Canas	Olhão	4 de julho	—	—	—	—	—	—
Idem	11	—	Manuel Pereira	—	7 de maio	24	2 de agosto	10 de agosto	—	—	—
Santo Antonio e Almas	6	Canoa	José Viegas Correia	—	10	—	1 de agosto	—	—	—	—
Senhora do Rosario	7	—	José da Paixão	Fuzeta	16 de julho	—	—	—	—	—	—
Idem	8	—	João Gonçalves	Olhão	5	—	11 de agosto	—	—	—	—
Algarvia	2	Lancha	Lourenço Fernandes	—	5	—	—	—	—	—	—
Senhora do Nascimento	14	Cahique	Antonio Joaquim	Villa Real de Santo Antonio	8 de julho	10	—	—	—	—	—
Senhora do Rosario	5	—	Manuel Brito	Olhão	4 de agosto	23	—	—	—	—	—
Senhor dos Passos	6	Bote	Antonio José	Villa Real de Santo Antonio	8 de setembro	13 de setembro	—	—	—	—	—
Mohéle	6	—	João Ribeiro Alves	—	—	—	—	—	—	—	—
Santo Antonio e Almas	9	—	Amaro Samudio	Tanger	20	21	—	—	—	—	—
Senhora do Rosario	8	Cahique	José de Sousa	Villa Real de Santo Antonio	22	26	—	—	—	—	—
Total	757	70	Antonio da Cruz	—	—	—	—	—	—	—	—

Gibraltar, 27 de dezembro de 1859. — No impedimento do consul geral, o vice-consul, *José Daniel Colaço*.
Está conforme. — Repartição do

peramos, pelo contrario, que todos e cada um d'elles, segundo os talentos que Deus lhes deu, hão de aproveitar todas as occasiões opportunas, para fallarem da bulla da santa cruzada com respeito e interesse, mostrando, aos menos instruidos, qual é sua origem, e como especialidade q'uo proveitosa é a applicação que se faz das esmolas, por ella offercidas, a beneficio dos seminarios.

Aos reverendos parochos tem cumpre com especialidade desempenhar este dever, e aproveitar esta occasião para convidarem os fideis á pratica dos sacramentos de penitencia e Sagrada Eucharistia, e a prepararem-se por este modo a ganhar as indulgencias que lhes são concedidas pela bulla da santa cruzada, resgatando a pena temporal de suas culpas com uma diminuta esmola que reverte em beneficio da igreja e em salvaguarda de suas almas.

Digam-lhes que o pae commun dos fideis, o cabeça visível da igreja, animado do mais ardente desejo da salvaguarda das almas, nos exhorta com paternal caridade a que auxiliemos com uma limitada esmola as santas obras que elle propõe; expliquem-lhes como elle abriu, em particular para a nossa nação, o thesouro que Jesus Christo confiou á sua igreja, e que consiste nos infinitos merecimentos do mesmo divino Salvador, e nos preciosos meritos de sua Mãe Santissima, a Virgem Immaculada, e de todos os Santos, e por meio da bulla da santa cruzada nos concede copiosas graças, para que d'ellas ajudados possamos satisfazer a pena temporal que havemos merecido por nossos gravissimos peccados; façam-lhes comprehender que ha muitos peccados que não podem ser remidos sem que os penitentes tenham a bulla da santa cruzada, a qual, ampliando a jurisdicção dos confesores em certos casos e circumstancias, os habilita para poderem absolver sacramentalmente aos que a tiverem tomado, e pela mesma se lhes facilitam as regras que devem observar em materias de composição; finalmente exhortem-nos a que não deixem de tomar a bulla da santa cruzada, para lucrarem não só para as suas almas, mas ainda para aliviar das penas que soffrem no purgatorio aquellas que lhes foram mais caras, as graças e indulgencias concedidas pelo vigário de Jesus Christo, mediante tão pequeno sacrificio.

Confiamos na religião e zelo dos reverendos parochos que assim o pratiquem; e que cumpram com toda a possível exactidão as instrucções que lhes hão de ser dadas para a publicação e distribuição da mencionada bulla da santa cruzada, e remetam com regularidade e promptidão as esmolas já recebidas, dando as suas contas sem fallencia no fim de cada anno.

E para que chegue á noticia de todos, a presente circular será publicada pelos reverendos parochos no primeiro domingo ou dia festivo, depois que a receberem, á estação da missa conventual, e continuará a publica-la em quatro domingos da proxima quaresma, e será conservada no cartório de cada igreja parochial.

Dada n'esta nossa residencia de S. Vicente de Fora, sob nosso signal e sello de nossas armas, aos 20 de dezembro de 1859.—M., cardeal patriarcha. —José Ignacio Roquette.

(Logar do sello.)

PARTE NÃO OFFICIAL

NOTÍCIAS DO REINO

CONTINENTE

Coimbra—Foi bem recebido n'esta cidade o pensamento da companhia *Tudelar*, estabelecida em Madrid. O representante da empresa tem obtido um grande numero de subscriptores, em que se contam pessoas de muita importancia.

Na rua de Coruche caíram, em a noite de quinta feira ultima, umas casas por effeito do temporal, não havendo comtudo desgraça alguma a lamentar.

O *Tribuna Popular* acrescenta a esta noticia que o Mondego em consequencia das chuvas, que copiosamente tinham caído durante dois dias e duas noites, se elevava bastante, cobrindo os campos, e invadindo a cidade baixa.

O jury commercial de Coimbra, ficou composto dos seguintes cidadãos, em resultado da eleição a que se procedeu n'esta cidade no dia 6 do corrente:—Antonio José Alves Borges, Antonio Rodrigues Pinto, Pedro José Pereira de Sousa, Manuel Gonçalves de Azevedo, Joaquim Eduardo Pereira Barbosa, José Lopes Guimarães, João Mathews dos Santos e José Antonio Pereira Braga.

Aveiro—Effectuou-se no dia 6 do corrente n'esta cidade, e no edificio da caixa economica, segundo diz o *Campana das Províncias*, uma reunião, em virtude dos estatutos da mesma sociedade, para a eleição da nova direcção, que ha de gerir os negocios d'aquelle estabelecimento no presente anno de 1860. Por esta occasião foi por proposta da direcção alterado um artigo dos estatutos em virtude do qual só podia depositar-se na caixa até á quantia de 400\$000 réis. O maximo foi agora elevado a 1:000\$000 réis.

O mesmo jornal não concordando com a alteração proposta, declara confuto, que a sua necessidade é reconhecida pela pratica de longos mezes, e aconselhada agora por uma direcção intelligente e zelosa.

—Tratando da constituição da nova camara municipal do concelho, diz o mesmo jornal o seguinte: «Como já dissemos a nova camara tomou posse no dia 2 do corrente; mas não podendo comparecer nesse dia o sr. Manuel Firmino de Almeida Maia, os presentes resolveram deixar a eleição da presidencia e vice-presidencia para o dia 4—encarregando interinamente da direcção dos negocios o digno vereador o sr. Bazilio Mathews de Lima. Naquelle dia compareceram todos, elegendo presidente o sr. Manuel Firmino de Almeida Maia, e vice-presidente o sr. Antonio Homem de Moura. Constituida assim a camara resolveu logo, que de todos os seus actos se desse conhecimento ao publico, por meio da imprensa da localidade, accitando para isso o offercimento feito pela redacção deste jornal—de fazer todas essas publicações gratuitamente; que sem perda de tempo se publicasse o estado da fazenda do concelho, e que todos os mezes se publicasse o movimento do cofre—não mencionando despesas em globo, mas com a maxima minuciosidade.

O principio de publicidade estabelecido pela nova camara, é de conveniencia publica, e ha de produzir bons resultados.

—Acerca dos estragos produzidos pelo temporal por estes sitios, escreve ainda o *Campana das Províncias*:

«Consta-nos que o mar tem feito alguns estragos nas obras da barra. Nem o contrario se devia esperar em vista do temporal que tem feito.

«O sr. director das obras publicas, porém, tem feito quanto está ao seu alcance para obstar aos effeitos do tempo, que continua desabrido.

«Os prejuizos causados pela pressão invernal estendem-se a prejudicar tambem os lavradores, pois que o rio em alguns pontos envolveu no meio de

suas voraginosas ondas algumas cabeças de gado, que andavam deherando os campos. É uma inaudita fatalidade.

«O tempo vae continuando tempestuosissimo. Estas ultimas noites têm-se desenvolvido terribes furacões. Frequentes sairavadas, acompanhadas de trovões pde alternadamente em sobressaltos os habitantes. O vento tem sido fortissimo, e as chuvas copiosas. Devem ter sido consideraveis os estragos resultantes d'esta intemperie invernal.

«Em consequencia do tempo, a communicação entre Ovar e Aveiro tem estado interrompida. O rio apresenta aspecto de um grande mar, e do norte para o sul a viação é impraticavel.

Porto—Acerca do estado do Rio Douro, continua o *Commercio do Porto* a dar as seguintes noticias:

«Durante todo o dia de quinta feira, a corrente augmentou constantemente de intensidade, e o nivel da agua successivamente se elevou. As quatro horas da tarde a velocidade era de 16:660 metros por hora (proximamente 9 milhas), e á meia noite do dia 5 a agua tinha-se elevado metro e meio acima do preamar de aguas vivas. Durante o dia de hontem a velocidade da corrente diminuiu, sendo ás dez horas da manhã de 14:880 metros (proximamente 7 milhas e meia), e o nivel da agua desceu um pouco, conservando-se quasi todo o dia elevado proximoamente um metro, apresentando pequenas alterações, conforme a maré enchia ou vasava. De hontem para hoje tornou a agua a subir e a corrente a augmentar.

A velocidade hoje ás nove da manhã era de 15:730 metros (proximamente 8 e meia milhas), e o nivel da agua, achase 1,2 do metro acima do nivel do preamar de aguas vivas.

Os barometros têm subido um pouco, o que faz esperar que se succederão alguns dias de bom tempo, e a temperatura de hontem para hoje tem decido muito.

Toda a noite houve um espesso nevoeiro de E., que agora (noite e meia da manhã), ainda se acha com bastante densidade.

—O temporal fez n'esta cidade alguns estragos. O *Jornal do Norte* diz, que em toda a noite de 4, não só fizera um temporal horrivel, como soprava um vento tão forte que era difficil transitar pelas ruas. A mesma folha continua dizendo, que sabia ter n'aquelle noite caído com a força do vento um predio velho na rua de S. Dionisio, desabando sobre uma casa que lhe ficava proxima, o que deu em resultado matar uma mulher e uma criança, e ferir gravemente um homem e outra mulher, os quaes davam poucas esperanças de vida.

—No dia 2 do corrente entrou em exercicio, diz o *Commercio do Porto*, a camara municipal d'esta cidade, ultimamente eleita para o biennio de 1860-1861, a qual é excepção de tres, é composta dos mesmos vereadores da camara transacta. Foram n'esse dia distribuidos pelos camaristas os cargos e pelouros da vereação, ficando os vereadores reeleitos exercendo as mesmas funcções, de que se achavam encarregados no biennio passado, e dividindo-se os pelouros restantes pelos tres novos vereadores. A camara achase constituida do seguinte modo:

Presidente, visconde de Lagoaça.
Vice-presidente, Joaquim José de Figueiredo.
Fiscal, Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães.
Pelouro dos expostos, José Carlos Lopes.
Bibliotheca publica, Guilherme Augusto Machado Pereira.
Instrução publica, e muzeu municipal, Domingos Augusto da Silva Freitas Menezes e Vasconcellos.
Matadouro, e fiscalisação dos impostos municipaes, Antonio Leite de Faria Guimarães.
Illuminação publica, aguas publicas e cemiterio do Prado do Repouso, Raymundo Joaquim Martins.
Collegio dos orphãos e cemiterio de Agramonte, Antonio Wenceslau da Costa Dourado.
Pleitos judiciais, jardim e arvoredos, Arnaldo Ribeiro de Faria.
Praças, mercados e companhia de incendios, Alexandre Soares Pinto de Andrade.
Polícia municipal, presidente.
Vice-presidente, e deputado inspector do deposito publico, Joaquim José de Figueiredo.
Bragança—D'este districto dizem ao *Jornal do Norte*, que n'aquelle localidade se cultiva com proveito a semente de linho de Riga, e que muitos lavradores pretendem introduzir esta nova cultura, mas que não encontram semente. Em presenca d'isto o jornal citado pede ás pessoas que tiverem semente de linho de Riga, que o façam constar, para assim dar incremento a uma cultura que tem dado bons resultados nos terrenos em que se tem empregado.

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS

Recebemos folhas de Madrid até 6 do corrente, de Paris até 3. Não chegaram folhas da Belgica.

O governo hespanhol recebeu do theatro da guerra os seguintes despachos telegraphicos:

«Ceuta, 4 de janeiro—O commandante em chefe do exercito da Africa, ao ministro da guerra.—Acampamento de Condesa, ás 6 horas da tarde.—Operei o movimento, e acampeei nas alturas denominadas da Condesa, no valle que precede o monte Negron, sem que o inimigo fizesse a menor resistencia. Os mouros retiraram o seu acampamento, a distancia de uma legua do ponto onde se achavam, para o caminho que, pelas montanhas, communicava com Tetuã.

«Apresentaram-se uns 2:000 soldados de cavallaria e igual numero de infantaria, sem se aproximarem a distancia de tiro; porém de tarde travou-se um combate de atradores, que só terminou ao anoitecer, sendo as nossas tropas reforçadas, e depois de se dispararem alguns tiros de artilheria. Tivemos um coronel, um official e dezesseis soldados feridos; e cinco soldados mortos. O coronel Ulibarri e o official ficaram levemente feridos.

«Acampamento do Serralho, 4 de janeiro, ás 4 horas e 5' da tarde. O commandante do primeiro corpo communicou ao ministro da guerra o seguinte:

«Não occorre novidade. O estado sanitario da tropa tem melhorado sensivelmente. O tempo continua mau.

Alem d'estes, os jornaes que temos á vista publicam os seguintes

DESPACHOS TELEGRAPHICOS

—Despachos dados pela *Gazeta de Madrid*: Londres, 3 de janeiro—Alguns jornaes continuam suppondo, não sabemos como que fundamento, que talvez não haja congresso.

Turin, 3—Na recepção official, que teve lugar no dia 1.º de janeiro, sua magestade não pronunciou discurso algum.

Modena, 3—Em virtude das reclamações da familia de Mortara, e como o governo adquiriu a certeza de que o rapto da creança teve lugar por ordem do padre Filippi, inquisidor do santo officio, procedeu-se á sua prisão, e começou já o processo.

Paris, 3—A *Gazeta da Colonia* suppe que o congresso, caso se reúna, será de curta duração.

Dizem as correspondencias do Mexico que o general Miramon restituíu as quantias que foram subtraídas pelo general Marquez, em Guadalupe.

Consta por noticias de New-York, que o general Scott será candidato á futura presidencia.

—Despachos dados pela *Patrie*:

Londres, 2 de janeiro—O *Times* diz que a Inglaterra prefere que o congresso não se reúna; mas que, se essa reunião tiver lugar, a Inglaterra está resolvida a fazer-se ali representar.

O jornal inglez felicita-se pela boa harmonia que existe entre os gabinetes francez e inglez.

FRANÇA

A *Correspondencia de Espina* diz ter recebido de Paris, por via telegraphica, a noticia de que o conde de Walewski, ministro dos negocios estrangeiros da França, fôra substituido no ministerio por Thouvenin, actual representante de França em Constantinopla. Interinamente ficou encarregado Baroche, ministro do reino, do despacho da secretaria de negocios estrangeiros.

PIEMONTE

O chefe do gabinete do Turim, Ratazzi, dirigiu ultimamente aos governadores das provincias uma notavel circular, na qual lhes lembra, como regra mais certa para o cumprimento dos seus deveres, todos os actos que, n'estes ultimos tempos, o governo sardo tem praticado.

Ratazzi trata, com superior habilidade, o quadro de todas as providencias governamentais que têm feito do Piemonte uma nação mais poderosa, sem todavia perder cousa alguma das suas liberdades, estando em contacto com o regimen ditatorial. O ministro passa em revista as reformas mais essenciais introduzidas nas instituições do paiz. Numa palavra, a circular de Ratazzi pôde ser considerada como a inauguração de uma nova era de liberdade, de ordem interior e de progresso. (*La Patrie*.)

NAPOLES

O rei de Naples acaba de decretar a formação de quatro novos batalhões de caçadores. Com esse augmento o exercito napolitano, que, na primavera proxima, deve compor-se de 120:000 homens, fica com vinte batalhões d'aquella arma. (*El Dia*.)

FERNANDO PÓ

Esta colonia continuava a prosperar e a progredir no estado de civilisação. Tinham desembarcado muitas pessoas de diferentes condições e mysteres que, em geral, haviam partido de diferentes pontos de Hespanha. O governador occupava-se com a maior actividade de colonisar as ilhas vizinhas.

O rei de Accra, chamado Cojoe, foi feito prisioneiro no dia 12 de novembro, e encarcerado na fortaleza da praça.

Tinha chegado á Serra-Leoa um negro que foi capturado pelo navio inglez *Spit-Fire*, capitão Chapman, em Jaknel, nas aguas de Lagos. O navio capturado tinha a bordo 469 escravos.

CHINA

N'uma correspondencia de Hong-Kong lê-se o seguinte:

«Hesito em dar-vos como verdadeiro o boato, que circular, de que o governo chinês reclinou do ministro plenipotenciario dos Estados Unidos da America, a sua mediação na questão actual com os aliados.

«O que deu lugar a esse boato, acreditado por muitas pessoas, que estão ao facto das noticias diplomaticas, foi a entrevista que Ward teve ultimamente com o governador geral do Kiang-sou, na pequena cidade de Kouan-Chan, a doze leguas de Sout-Cheou no interior do paiz. O diplomata americano partiu para o ponto de reunião, no dia 2 de novembro, e no dia 8 d'esse mez ainda não tinha regressado. Mas quem tomou e iniciava d'essa conferencia, elle ou o governador Ho?... É justamente o que por enquanto se não sabe.

«A julgar as coisas como realmente são Ward tinha o maior desejo e interesse em confrontar com o vice-roi de Kiang-sou, o qual está ao mesmo tempo investido dos poderes de commissario imperial dos negocios estrangeiros; a fim de obter que seja posto em execução o tratado ultimamente trocado em Pé-tang. Porém como por outra parte se sabe com toda a certeza que em quanto a missão americana residir em Pekin foi oficialmente notificada ao ministro americano a suspensão provisoria da execução do tratado, não parece provavel que esse diplomata pretendesse logo depois discutir uma questão que tinha ficado decidida, e cuja solução depende essencialmente das relações da China com os aliados.

«O ponto de reunião pôde, até certo ponto, servir de prova de que a iniciativa é devida aos mandarin chinêzes, porque foi ali que o governador geral Li-ang, predecessor de Ho, teve em 1858 a conferencia com o coronel Marshall e Macklane. Um estrangeiro certamente não pensaria em designar, no centro do paiz, uma pequena cidade desconhecida, se fosse elle o primeiro a propor uma conferencia.

«Porém se é plausivel acreditar-se que o governo de Pekin procura uma mediação, e que o passo dado pelo mandarim Ho não tem outro fim; deve tambem reconhecer-se que se prepara com actividade uma resistencia seria á invasão dos aliados. Novas ordens chegaram de Pekin ás provincias do sudeste, para que ellas expeçam sem demora, pelo canal imperial, 300:000 quintaes de arroz destinados ao abastecimento das tropas.

«Falla-se tambem de importantes trabalhos de defeza que o general Sang-Kolinsin dirige, nas margens do Pei-Ho, desde a embocadura d'esse rio até Tien-sin, sem prejuizo d'aquelles que, por ordem do ministerio da guerra, se fizeram em volta da capital.

«Tudo isto faz suppor que, ainda que a expedição ingleza, que começa a chegar, tenha pouca vontade de batalhar, ella encontrar-se chinêzes muito dispostos a aceitar o combate, pelo menos a principio, porque á primeira derrota dispersar-se-hão como é seu costume. No entanto, as tropas inglezas fornecidas pelo governo de Calcutá chegam sem interrupção, e vão reforçar a guarnição de Cantão contra a eventualidade de uma suprema. Parece até que algumas tropas vão ser enviadas a Shanghai e Pouchou, a fim de ali protegerem o commercio.

«O mandarim Lao, que era governador de Cantão, desde que morreu o protegido dos aliados, Po-Konei, foi nomeado governador geral dos dois Kouang, e é substituido nas suas antigas funcções por Ki-ling, que foi governador de Kiang-sou. Estas nomeações agradaram porque a escolha recaiu em dois homens pacificos e conciliadores que evitarão com todo o cuidado qualquer occasião de conflicto com os estrangeiros. (*La Presse*.)

ESTADOS UNIDOS

N'uma correspondencia de New-York lê-se o seguinte:

«Uma probabilidade que todos os partidos consideram já como um facto ultimado, é a nomeação de Sherman, candidato republicano, para exercer as funcções de *speaker* da camara dos representantes, seja n'uma votação de maioria absoluta, ou então n'um escrutinio de maioria relativa.

«Os quatro infelizes companheiros de Brown, Cook, Coppie, Green e Coppland, os dois primeiros brancos, e os dois outros negros livres, foram hontem (16 de dezembro) executados no cadafalso de Charlestown. Fiel ás doutrinas da escravatura, o governador Wise não quiz que elles fossem conduzidos,

juntos, para o logar do supplicio: os negros foram enforcados quatro horas antes dos brancos.

«Cook era cunhado do antigo governador de Maryland, e aliado a muitas familias distintas do New-York. Fez-se o possivel para se alcançar, em seu favor, uma commutação de pena; porém todos os passos foram baldados, porque no sul considerava-se esse supplicio como indispensavel para a salvaguarda das suas instituições. Uma multidão immensa assistiu á execução que teve lugar sem que occorresse a menor desordem. (*La Patrie*.)

REVISTA SCIENTIFICA

ORIGEM DOS ANIMAES DOMESTICOS

I

A origem dos animaes domesticos é um d'estes interessantes problemas de historia natural que têm a propriedade de desafiar a um tempo as investigações dos sábios e a curiosidade das pessoas medianamente instruidas.

Podem dizer-se domesticos, tomando este termo na sua mais ampla accepção, todos os animaes que colabitam commoço ou vivem proximos das nossas habitações. Para o zoologista porém esta denominação é só applicavel áquelles que vivem e se multiplicam regularmente sob o nosso dominio e posse. Ficam assim excluidos os animaes que podemos possuir em captividade mais ou menos rigorosa, e mesmo os que se amoldam a uma servidão voluntaria, sem que contado esta vassallagem se tenha generalisado, estendendo-se dos individuos a seus descendentes. A domesticação exprime portanto o resultado permanente da acção que o homem exerce sobre outros seres da criação, e attesta o poder da influencia de uma serie indefinida de gerações humanas sobre uma serie indefinida de gerações animaes, d'onde deriva a formação das raças.

É bem insignificante o numero das especies domesticas. Ao passo que a sciencia tem já inscripto em seus catalogos cerca de cento e quarenta mil especies animaes, não sobe de quarenta e sete o numero das que o homem tem sujeitado inteiramente ao seu dominio em todo o mundo. Os paizes mais adiantados em civilisação, os que mais se fazem notar pelos progressos da agricultura, não chegam a reunir quarenta especies.

Grandes são por certo as difficuldades que contrariam a conquista completa de especies selvagens, grandes são tambem os obstaculos que impedem ou retardam a disseminação das raças conquistadas pelos varios climas que o homem escolhe para habitação: porém não é possível explicar só por estas circumstancias a escassez numerica das especies domesticas, e a circumscripção habitação de algumas d'ellas.

Um e outro facto acham melhor explicação na variedade de serviços que esse pequeno numero de especies pôde prestar-nos, na analogia de aptidões que algumas d'entre ellas apresentam em regiões diversas e afastadas do globo, na indecisão e incuria de que geralmente nos deixamos possuir, quando nos não solicita o estímullo de uma necessidade instante e improrogavel.

A origem dos animaes domesticos de maior utilidade remonta aos tempos anta-historicos ou aos primeiros periodos da antiguidade historica. Avultam menos em numero e sobretudo em importancia as conquistas dos tempos modernos. O cão, o cavallo, o burro, o porco, a cabra, o carneiro, o boi e o gato; a galinha e o pombo; o bicho de seda da amoreira, existiam já em perfeita domesticidade antes dos tempos historicos. O coelho, o furo e o bufalo, o ganso, o pato ordinario, o faisão ordinario, o pavão e a pintada ou galinha de Angola, as abelhas, pertencem a epochas mais posteriores, aos periodos grego e romano da antiguidade historica. Nos tempos modernos tem-se effectuado apenas a conquista de algumas especies de aves, como o faisão dourado, prateado e de colar, o peru, o pato de coral, o ganso do Canadá; e alguns insectos uteis—a cochinilha, o bicho de seda do rímico, do aytano, do carvalho, e d'estes ultimos existem na Europa apenas tentativas de aclimação de que se não pôde tirar ainda nenhum seguro corollario. Outras especies ha a respeito das quaes se ignora absolutamente a epocha em que entraram no dominio do homem, taes são, limitando a enumeração ás que possuímos: o porquinho da India, o cycne, a rola, e os peixes dourados da China.

Não são menos obscuras, antes mais difficéis ainda de fixar e mais sujeitas a contestações, a origem geographica e a filiação da maior parte dos animaes domesticos. Se para marcar de uma maneira assaz vaga a epocha provavel em que os nossos ascendentes avallaram varias especies, nos faltam os indispensaveis elementos de investigação, e temos em muitos casos de nos contentar com meras conjecturas, e em outros de abandonar á empreza por impossivel, maior é ainda a escassez de documentos e indícios capazes de guiar o naturalista no descobrimento dos tipos selvagens, d'onde derivam as raças domesticas antigas, e dos seus berços primitivos.

Para alcançar a solução do problema tão difficil e complexo, recorre-se simultaneamente a dois methodos de investigação. Consultam-se os monumentos, as tradições e a historia escripta dos povos da antiguidade, e ao mesmo tempo comparam-se as raças domesticas com as especies selvagens que actualmente conhecemos. Quando os resultados de um e outro methodo coincidem, quando a indicação historica concorda com a apreciação zoologica, pôde chegar-se a uma solução satisfactoria; porém a determinação rigorosa da origem zoologica nem sempre se alcança, e é muita vez forçoso que nos contemos com attribui-la a duas ou mais especies de localidades diferentes, mas de mui estreito parentesco.

Apresentaremos em resumo o que, em nossa opinião, se pôde dar por mais seguro e assentado acerca da procedencia, epocha de domesticação e origem zoologica dos animaes domesticos, que vivem no nosso paiz. Como se verá, adoptamos na maior parte dos casos as soluções propostas pelo distincto professor do jardim das plantas de Paris I. Geoffroy Saint-Hilaire, cujas interessantes publicações sobre o assumpto nos suggeriram a idéa d'este pequeno trabalho.

Perdo-se na noite dos tempos a origem dos nossos maníferos domesticos de maior utilidade: pôde-se porém conjecturar com bastante segurança que alguns d'elles descendem de especies asiaticas, em quanto que outros poderão ter duas ou mais origens diversas.

É facil remontar com bons fundamentos á origem geographica de dois d'elles, o cavallo e o burro: para os outros é já forçoso recorrer a conjecturas mais ousadas, que deixam larga margem a duvidas e contestações.

Os livros antiquissimos dos chins, dos indios e dos persas, os monumentos dos assyrios e egypcios attestam a posse remotissima do cavallo em perfeito estado de domesticidade; os tres povos da Asia parecem ter sido os primeiros que o possuiram.

O burro é tambem uma das mais antigas conquistas do homem. Possuiram-o na mais remota antiguidade as mesmas grandes nações do oriente que avallaram o cavallo. Crê-se contudo que o cavallo precedera em domesticidade; mas esta opinião que pôde ser exacta com referencia aos povos da Asia oriental, deixa talvez de o ser em relação ao su-

doeste da Asia e ao Egypto. Como muito bem o faz notar Geoffroy Saint-Hilaire, se os monumentos egypcios, onde se encontram representados simultaneamente o cavallo e o burro, deixam indecisa a questão da prioridade, a Biblia parece decidila de um modo bastante explicito a favor do burro, n'aquellas regiões pelo menos. O Genesis menciona o burro na enumeração dos animaes domesticos, que Pharaó offereceu a Abraham, quando este patriarcha visitou o Egypto, e cita o cavallo pela primeira vez ao tratar de uma epocha mui posterior, da epocha em que José governava o Egypto.

Demonstrado assim por documentos de não duvidosa autoridade que os grandes povos primitivos do oriente, que foram o berço da antiga civilisação, possuiram o cavallo e o burro domesticos, é logico attribuir-lhes a domesticação d'estas especies e procurar na extensa porção de territorio onde elles dominavam a região que possa considerar-se como patria dos dois solípedes.

Attestam-nos desde muito tempo os historiadores e viajantes que o cavallo selvagem se encontra no centro da Asia, principalmente na Tartaria, e que o Onagro ou burro selvagem habita na Asia e no-nordeste da Africa.

Não se podem de certo considerar como patria original das nossas raças domesticas todas as localidades em que se encontram no estado selvagem individuos da mesma especie, nem se pôde sustentar tambem que elles sejam os tipos genuinos das especies primitivas. Querem porém affirmar que estas foram completamente absorvidas pela domesticação, e que todos os individuos encontrados em estado selvagem descendem de outros domesticos em epochas mais ou menos remotas, é, a nosso ver, incorrer por igual falta de provas em merecida censura. O que se pôde dizer com mais segurança é que o berço da especie primitiva de que descendem as raças equinas deve achar-se mais ao oriente e mais no centro da Asia do que o verdadeiro onagro ou burro primitivo, e que os caracteres da uma e outra especie se acham representados nos individuos selvagens que se encontram abundantemente nos desertos do centro da Asia, para a especie cavallar, nas regiões asiaticas mais proximas da Africa, e no norte e oriente d'esta ultima região, para a especie asinina. As indicações historicas que levam a este corollario pôde-se ainda acrescentar um argumento tirado dos nossos actuaes conhecimentos acerca da distribuição geographica dos solípedes ou monodactylos: todas as especies bem determinadas d'esta ordem pertencem á Asia e Africa, mas as da Asia têm pello de cor uniforme sem riscas negras sobre a agulha, pescoço e dorso, caracteres privativos das africanas. Ora os cavallos, uniformes na cor e semelhantes á *Hemion* ou ao *Hemipus*, devem ter como esta uma origem decididamente asiatica; enquanto que o burro pela riscas transversa da cernelha e pelos anneis escuros da parte inferior dos membros se aproxima mais da Zebra, Chuanga e Daw, e por esta circumstancia, como pelos logares em que se encontra selvagem, parece originario de regiões limitrophes dos dois continentes.

Cresemos as difficuldades quando se trata de achar a origem do boi, do carneiro, da cabra e do porco. A Europa, a Asia e a Africa, possuem ainda hoje em estado selvagem especies que muito se lhes approximam por seus caracteres. Deveremos ir buscar sempre como ascendentes das raças domesticas os tipos selvagens que vivem actualmente em maior proximidade d'ellas?

Porque se encontra ainda n'uma parte da Europa, na Lithuania, uma especie selvagem de bois, que n'outros tempos occupava os vastos territorios incoltos da Germania e da Gallia, concluiremos que as raças bovinas europeas descendem do *Aurochs*? Porque nos montes da Corsega e da Sardenha, na ilha de Chypre e na Grecia habita ou habitou uma especie selvagem de carneiro, o *ovis musimon*, não hesitaremos um momento em acreditar que as raças ovinas da Europa derivam exclusivamente d'este tipo europeu? Concluiremos similantemente da existencia do javali em quasi toda a Europa, da do gato selvagem, que todos os porcos e gatos domesticos são de origem europeu? Diremos ainda, que uma, algumas ou todas as especies actualmente conhecidas de cabras-montezes europeas, deram origem, modificando-se nas mãos do homem, ás nossas cabras domesticas; e que do lobo ou da raposa, os dois carnívoros da Europa, que mais se lhe assemelham, descende o cão?

É incontestavel que as nações primitivas do oriente possuiram animaes domesticos desde a mais remota antiguidade. As numerosas modificações dos tipos originaes, quaesquer que elles fossem, representadas na extrema diversidade das raças de muitos dos nossos animaes domesticos conduzem tambem a admitir que a epocha da sua domesticação deve achar-se mui distante de nós. Finalmente pelas investigações da philologia tem-se conseguido demonstrar que em epochas anteriores aos tempos historicos, os povos orientales foram successivamente invadindo as regiões occidentales; e parece plausivel acreditar que, mais adiantadas em civilisação, essas nações transmittiram aos povos que foram submettendo alem dos elementos da sua linguagem, os usos e praticas das sociedades mais bem organisadas e os animaes a que deviam em grande parte a sua superioridade relativa.

Todas estas considerações precisam estar presentes ao espirito quando se indaga a origem d'esses animaes domesticos que acima enumeramos: a ellas tem de se subordinar até certo ponto os resultados que pareçam derivar naturalmente do estudo zoologico da fauna actual ou fossil da Europa. Porém ao mesmo tempo convém que a indução não vá mais longe do que deve ir, e que na fé de documentos favoraveis á presumpção da sua anterior domesticação n'outros paizes, se não negue obstinadamente e sem provas a possibilidade de descendem de especies selvagens europeas.

A domesticação do porco parece sem duvida muito antiga: citam-o os antigos documentos escriptos da Asia occidental e mesmo da China; e a prioridade d'esta domesticação na Asia parece assentar em boas razões. Poder-se-ha porém concluir d'aqui, sem mais exame, que os javalis da Europa não são os ascendentes das nossas raças porcinas, como acreditaram todos os naturalistas da antiguidade, como o sustentava Cuvier e tantos outros nos tempos modernos? Dos javalis da Asia descendem sem duvida uma boa parte das raças asiaticas, e por ventura tambem as africanas. Sustentar porém com I. Geoffroy Saint-Hilaire que os porcos da Europa não podiam ter outra origem, parece-nos temeridade. O javali da Europa e da India assemelham-se tanto, que na opinião de Blainville não é possível distinguí-los por verdadeiro caracter especifico; não repugna derivar de qualquer d'elles as raças domesticas: porque motivo excluir um, e conceder só ao outro as honras de tipo primordial?

Se se provasse que o javali da Europa provém da restituição do porco domestico, oriundo da Asia, 1.º Godron pertence que todos os cavallos que se têm encontrado no estado selvagem descendem de cavallos domesticos, e contudo não duvida tambem affirmar que o tipo selvagem do burro é perfeitamente conhecido, que habita a Persia, a Tartaria, o Himalaia etc. Surprehe-nos que um escriptor reflectido, como é em geral Godron, apresente sem provas proposições tão absolutas, e tire de factos identicos corollarios oppostos. Vid. *Godron-De l'origine d' des races corollaries opposées*. Paris, 1859. Tom. I.º pag. 385 e 329. 2.º Blainville. *Océographie*—Cochons et Sangliers, pag. 130.

ao estado selvagem, como succede aos porcos bravos da America, descendentes das raças europeas, a questão poderia considerar-se resolvida. Mas se se admitte que o javali da Europa não tem semelhante origem, não nos parece sufficiente o facto da precedencia da domesticação do porco no oriente, ajudado do argumento tirado das emigrações antigas das nações da Asia para as regiões da Europa, para se affirmar, como fazem Link, Dureau de la Malle e Geoffroy Saint-Hillaire, que todas as nossas raças suínas descendem do javali da Asia.

Parece plausivel, já o dissemos, que do oriente nos viessem, com os povos que os haviam domesticado, alguns animaes domesticos; e esta conjunctura reúne em seu favor uma maior somma de probabilidades sempre que se prove a origem antiquissima da domesticação do porco no oriente, e que ao mesmo tempo não seja facil, por considerações zoológicas estabelecer a filiação das raças domesticas de tipos selvagens europeus.

Se nas epochas das suas emigrações os povos do oriente possuíam já alguns animaes domesticos, dos mais antigamente domesticados na Asia, ascendentes dos tipos selvagens d'onde descendiam; é natural que os trouxessem consigo nas suas extensas excursões, e que os fossem deixando por toda a parte como vestígios da sua passagem.

Se o estudo da fauna da Europa nos não deixa descobrir para alguns animaes domesticos, dos mais antigamente domesticados na Asia, ascendentes selvagens, é razoavel que em relação a esses se abandone toda a idea de uma domesticação europeia, a qual se não pôde autorisar em facto algum, e que se veja na hypothese da sua importação a mais exacta solução do problema.

Mas se a comparação dos animaes domesticos com as especies selvagens do nosso continente der n'alguns casos um resultado favoravel á opinião de uma origem europea, como acontece quando comparamos zoológicamente o porco com o javali, figura-se-nos que se não deverá sustentar a origem asiatica exclusiva d'esses animaes domesticos. Tanto mais que nada se oppõe a que se acredite que os povos invasores da Asia fossem continuando n'algumas das especies selvagens dos paizes que percorriam, as tentativas de conquista que tão proveitosos lhes haviam já sido. Quanto menos perfeitos, menos distantes do tipo primitivo se achassem ainda alguns dos seus animaes domesticos; quanto menor fosse ainda o numero e importância das qualidades adquiridas pela domesticação; mais provavel se torna que se recorresse alguma vez de novo aos tipos selvagens para novas domesticações. Parece-nos portanto que se a antiguidade da domesticação do porco na Asia pôde dar-se por provada, se a sua introdução posterior na Europa é possível, a exclusão do javali da Europa de toda a influencia na formação das nossas raças suínas não pôde dar-se por demonstrada.

A origem do cão, do carneiro e do boi é problema de maior difficuldade ainda. Parecem elles ser, segundo os documentos dos povos orientaes, as mais antigas conquistas do homem: citam-os os livros mais antigos dos persas e chins, encontram-se representados nos monumentos do antigo Egypto. Por outro lado a extrema variedade de suas raças domesticas confirma inteiramente a exactidão das illações historicas.

O tipo primitivo e asiatico do carneiro não é conhecido, nem mesmo se conhecem ainda com exactidão todas as especies selvagens do genero ovis que habitam aquella vasta porção do antigo mundo. Na Europa o ovis musimon (Mouflon) da região mediterranea, na Africa o ovis ammon ou argali, tem sido considerados por alguns auctores como os tipos originarios das nossas raças. O actual estado dos nossos conhecimentos não autorisa a aceitar nem a rejeitar absolutamente quaesquer d'estas hypothesees, se bem que possa ter-se por mais provavel a importação da especie.

O cão é, na ordem da domesticação, o primeiro ou o segundo—antes ou logo depois do carneiro. Os monumentos egypcios já o representam com caracteres diversos, proprios de raças distinctas; o numero das variedades caninas é hoje extraordinario. Tem-o querido fazer descer do lobo, da raposa e do adibe³ (chacal dos francezes). Os habitos nocturnos, os instinctos da raposa excluem a possibilidade de semelhante ascendencia. O lobo, maior do que são do ordinario os cães domesticos, e de instinctos solitarios, não parece tambem poder modificar-se a ponto de produzir animaes de instinctos eminentemente sociaveis. O adibe e quaesquer outras especies proximas da Asia, animaes diurnos e que vivem em bandos numerosos, e cuja organização não differe essencialmente da dos cães domesticos, poderiam ser os seus ascendentes. Este estudo, porém, dos tipos selvagens não pôde dar-se ainda por completo; e se a derivação dos cães do adibe (africano e asiatico) não repugna á zoologia, faltam contudo provas mais directas em que esta opinião se autorise. Ignora-se pois a origem zoológica do cão. A origem geographica, de muitas raças pelo menos, deve reputar-se asiatica e por ventura tambem africana.

Bois semelhantes aos nossos parecem haver existido tambem na Asia em tempos remotos e em estado domestico. Se pelos livros antiquissimos do oriente, pelos *Kings, Vedas, Zend-Avesta*, diz Geoffroy Saint-Hillaire, se conhece que a conquista do boi data d'aquelles tempos, não é possível affirmar que essas raças sejam semelhantes ás nossas, e não pertençam ao zebu ou ao buffalo. «Contudo, acrescenta o mesmo auctor, ha provas decisivas da existencia do boi no oriente. Por documentos precisos sabe-se que o deus Apes é um boi e não um zebu ou boi de corcova: o boi domestico acha-se claramente representado nos monumentos da Assyria e do Egypto.»

Não ha na Europa nenhuma especie selvagem de que se possam fazer descer as nossas raças bovinas. O aurochs, que Buffon considerava como a origem zoológica d'elles, differe do nosso boi por caracteres taes, que é impossível admittir semelhante precedencia. O boi domestico tem, por exemplo, 13 costellas, o aurochs 14: attribuir á domesticação o poder de supprimir uma costella é exceder as autorisções fundadas na experiencia. Força é portanto que nos contentemos com as provas da prioridade da existencia do boi domestico no Oriente, e com a impossibilidade de uma filiação europea; d'onde concluímos a favor da probabilidade da origem geographica que lhe attribue Saint-Hillaire—a Asia.

A cabra domestica foi por muito tempo considerada de origem europea e descendente da cabra-montez dos Alpes (capra ibex), a unica especie selvagem então conhecida na Europa: é esta a opinião de Buffon, adoptada tambem por outros naturalistas. Hoje conhecem-se na Europa tres especies de cabras-montez, uma das quaes habita no nosso paiz a serra do Gerez; tem-se comparado attentamente os caracteres das cabras domesticas com os d'esses diversos tipos selvagens, e tem-se reconhecido, que em consequência d'uma extrema dissimilhança na forma dos cornos não é razoavel filiar a cabra domestica de nenhuma das cabras-montez da Europa. Pelo contrario é facil demonstrar a plausibilidade de outra filiação, fazendo-a descer

de uma cabra-montez indigena das montanhas menos elevadas do Caucaso, que o celebre viajante Pallas descreveu, e na qual se encontram os caracteres essenciaes das nossas raças domesticas.

Esta origem zoológica, que concorda perfeitamente com os resultados da investigação historica, é geralmente admittida, depois que Brandt deu a descripção completa e a figura autentica da *capra agagrus*. Tivemos occasião de ver alguns exemplares vivos d'esta especie no magnifico jardim zoológico de Amsterdam, e a nossa convicção ficou desde esse momento inabalavel.

Se porém a descoberta da origem zoológica das nossas cabras domesticas concorda perfeitamente com o testemunho da historia, e nos leva a admittir como muito provavel a sua introdução na Europa em estado domestico, não se segue d'aqui que todas as cabras domesticas tenham a mesma origem: ha mesmo uma raça que se distingue pela disposição espiral dos cornos, a bella raça de Angora, e que por essa circumstancia se suppe descer da *capra Falconeri*, cabra-montez do pequeno Thibet e de outras montanhas elevadas das regiões comprehendidas entre o Indus, o Budukshan e o Indu-Kusch.

Da existencia do gato domestico na Asia em epochas auto-historicas não ha documentos de bastante authenticidade. A sua origem parece ter sido africana; pelo menos as raças europeas parecem descer mais do *Felis maniculata*, como pretende Temnick, do que dos gatos bravos da Europa: a confrontação dos caracteres zoológicos, conduz a este resultado, que o exame dos esqueletos de gatos encontrados nas sepulturas egypcias, tem confirmado plenamente.

Outras raças parecem ter origem diversa: a raça de Angora descende, segundo Pallas, do *Felis manul*, da Asia menor.

A domesticação do coelho data de uma epocha muito posterior á de todos os já mencionados: pertence já aos tempos historicos e não vae alem da epocha romana. A origem zoológica do coelho parece ser o coelho silvestre actual, habitante da Europa meridional.

A mesma epocha historica pertence o *furão*. Não se sabe ao certo a sua origem zoológica e geographica. Pretende a tradição historica que elle viera da Africa para a Hespanha; os seus caracteres zoológicos fazem crer na possibilidade d'elle derivar de um animal europeu e ao mesmo tempo africano (mustela putorius): seria elle exclusivamente domesticado na Africa? domesticou-lo-flam na Africa e na Europa? É impossível achar a solução d'estas questões.

O porquinho da India, com o qual encerraremos a lista dos nossos mamíferos domesticos, foi importado da America meridional. Crêem-o descendente do *Cavia aperi*, indigena do Brazil, Paraguay, e Guayana: recebeu-o a Europa domestico dos paizes d'onde é oriundo. A epocha da domesticação é desconhecida, como é tambem desconhecida a utilidade d'este animal, que se não recommenda por qualidade alguma á estima ou á attenção do homem.

B. du B.

OBSERVATORIO METEOROLOGICO DO INFANTE D. LUIZ NA ESCOLA POLYTECHNICA

BAROMETRO (PRESSÃO)	THERMOMETRO (TEMPERATURA)	PSYCHROMETRO (HUMIDADE)	ANEMOMETRO (VENTO)
Millimetros	Grãos C.	Por 100	Rumos
9 m. 752,78	9,4	86,4	N.E.
3 t. 751,73	12,5	77,8	N.E.

DIA 8.

Maxima—temperatura.....	11,5 C.
Minima.....	4,5 »
Ozone (de noite).....	5,0 »
Ozone (de dia).....	6,0 »
Chuva (udometro).....	0,5 »
Evaporação (vapormetro).....	6,5 »
Altura barometrica correcta.....	
Altitude do barometro 95,1 metros.	
Temperatura á sombra.....	

NOTICIAS COMMERCIAES

PREÇO MEDIO DOS GENEROS NOS MERCADOS
REGULADORES

DISTRICTO DE BRAGA

BRAGA

Semana finda em 10 de dezembro	
Trigo, alqueire.....	5860
Milho branco, dito.....	5370
» amarello, dito.....	5370
Centeio, dito.....	5440
Cevada, dito.....	5440
Feijão branco, dito.....	5650
» amarello, dito.....	5650
» branco, dito.....	5600
» rajado, dito.....	5500
» fradinho, dito.....	5440
Batata, dito.....	5280
Azeite, alimude.....	58600
Vinho, pipa.....	576000

BARCELLOS

Semana finda em 3 de dezembro	
Trigo, raza corrente.....	5860
Milho alvo, dita.....	5480
» mais, dita.....	5360
Centeio, dita.....	5490
Feijão branco, dita.....	5540
» amarello, dita.....	5500
» rajado, dita.....	5500
» fradinho, dita.....	5400
Batata, dita.....	5280
Azeite, alimude.....	58200
Vinho, dita.....	25400

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo, raza corrente.....	5860
Milho alvo, dita.....	5480
» mais, dita.....	5360
Centeio, dita.....	5490
Feijão branco, dita.....	5540
» amarello, dita.....	5500
» rajado, dita.....	5500
» fradinho, dita.....	5400
Batata, dita.....	5280
Azeite, alimude.....	58200
Vinho, dita.....	25400

Semana finda em 3 de dezembro

Trigo, alqueire.....	5900
Centeio, dito.....	5510
Milho, dito.....	5440
Farinha, dito.....	5470
Feijão, dito.....	5600
Batata, dito.....	5280
Azeite, alimude.....	58400
Vinho, dito.....	26000

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo, alqueire.....	5900
Centeio, dito.....	5530
Milho, dito.....	5460
Farinha, dito.....	5510
Feijão, dito.....	5600
Batata, dito.....	5280
Azeite, alimude.....	58300
Vinho, dito.....	26000

Semana finda em 3 de dezembro

Milho, raza.....	5400
Centeio, dita.....	5480
Feijão, dita.....	5500
Batata, dita.....	5290
Azeite, alimude.....	58000
Vinho, dita.....	26000

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo, alqueire.....	5900
Centeio, dito.....	5530
Milho, dito.....	5460
Farinha, dito.....	5510
Feijão, dito.....	5600
Batata, dito.....	5280
Azeite, alimude.....	58300
Vinho, dito.....	26000

Semana finda em 10 de dezembro	
Milho, raza.....	5400
Centeio, dita.....	5480
Feijão, dita.....	5500
Batata, dita.....	5290
Azeite, alimude.....	58000
Vinho, dita.....	26000

DISTRICTO DE VIANNA DO CASTELLO

ARCOS DE VAL DE VEZ

Semana finda em 3 de dezembro

Trigo, alqueire.....	5840
Milho amarello, dito.....	5310
» branco, dito.....	5310
Centeio, dito.....	5460
Feijão branco, dito.....	5520
» amarello, dito.....	5520
» rajado, dito.....	5480
» fradinho, dito.....	5480
Batata, dito.....	5240
Azeite, alimude.....	58500
Vinho, dito.....	25400

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo, alqueire.....	5840
Milho amarello, dito.....	5330
» branco, dito.....	5330
Centeio, dito.....	5400
Feijão branco, dito.....	5480
» amarello, dito.....	5480
» rajado, dito.....	5440
» fradinho, dito.....	5440
Batata, dito.....	5440
Azeite, alimude.....	58200
Vinho, dito.....	25400

CAMINHA

Semana finda em 3 de dezembro

Trigo, alqueire.....	5960
Milho amarello, dito.....	5400
» branco, dito.....	5400
Centeio, dito.....	5400
Feijão branco, dito.....	5400
» amarello, dito.....	5400
» rajado, dito.....	5400
» fradinho, dito.....	5400
Batata, dito.....	5240
Azeite, alimude.....	63000
Vinho, dito.....	26880

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo, alqueire.....	5960
Milho amarello, dito.....	5400
» branco, dito.....	5400
Centeio, dito.....	5400
Feijão branco, dito.....	5400
» amarello, dito.....	5400
» rajado, dito.....	5400
» fradinho, dito.....	5400
Batata, dito.....	5240
Azeite, alimude.....	63000
Vinho, dito.....	26880

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo, alqueire.....	5900
Milho amarello, dito.....	5360
» branco, dito.....	5360
Centeio, dito.....	5500
Feijão branco, dito.....	5600
» amarello, dito.....	5550
» rajado, dito.....	5470
» fradinho, dito.....	5470
Batata, dito.....	5240
Azeite, alimude.....	58200
Vinho, dito.....	26360

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo, alqueire.....	5900
Milho amarello, dito.....	5400
» branco, dito.....	5400
Centeio, dito.....	5500
Feijão branco, dito.....	5600
» amarello, dito.....	5600
» rajado, dito.....	5600
» fradinho, dito.....	5600
Batata, dito.....	5360
Azeite, alimude.....	58400
Vinho, dito.....	26360

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo, alqueire.....	5900
Milho amarello, dito.....	5400
» branco, dito.....	5400
Centeio, dito.....	5500
Feijão branco, dito.....	5600
» amarello, dito.....	5600
» rajado, dito.....	5600
» fradinho, dito.....	5600
Batata, dito.....	5360
Azeite, alimude.....	58400
Vinho, dito.....	26360

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo, alqueire.....	5800
Milho amarello, dito.....	5360
» branco, dito.....	5360
Centeio, dito.....	5480
Feijão branco, dito.....	5480
» amarello, dito.....	5480
» rajado, dito.....	5480
» fradinho, dito.....	5480
Batata, dito.....	5360
Azeite, alimude.....	58000
Vinho, dito.....	26000

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo, alqueire.....	5850
Milho amarello, dito.....	5380
» branco, dito.....	5380
Centeio, dito.....	5480
Feijão branco, dito.....	5480
» amarello, dito.....	5480
» rajado, dito.....	5480
» fradinho, dito.....	5480
Batata, dito.....	5380
Azeite, alimude.....	58000
Vinho, dito.....	26000

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo gallego, alqueire.....	5850
Milho amarello, dito.....	5380
» branco, dito.....	5380
Centeio, dito.....	5480
Feijão branco, dito.....	5480
» amarello, dito.....	5480
» rajado, dito.....	5480
» fradinho, dito.....	5480
Batata, dito.....	5380
Azeite, alimude.....	58000
Vinho, dito.....	26000

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo gallego, alqueire.....	5850
Milho amarello, dito.....	5380
» branco, dito.....	5380
Centeio, dito.....	5480
Feijão branco, dito.....	5480
» amarello, dito.....	5480
» rajado, dito.....	5480
» fradinho, dito.....	5480
Batata, dito.....	5380
Azeite, alimude.....	58000
Vinho, dito.....	26000

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo gallego, alqueire.....	5850
Milho amarello, dito.....	5380
» branco, dito.....	5380
Centeio, dito.....	5480
Feijão branco, dito.....	5480
» amarello, dito.....	5480
» rajado, dito.....	5480
» fradinho, dito.....	5480
Batata, dito.....	5380
Azeite, alimude.....	58000
Vinho, dito.....	26000

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo gallego, alqueire.....	5850
Milho amarello, dito.....	5380
» branco, dito.....	5380
Centeio, dito.....	5480
Feijão branco, dito.....	5480
» amarello, dito.....	5480
» rajado, dito.....	5480
» fradinho, dito.....	5480
Batata, dito.....	5380
Azeite, alimude.....	58000
Vinho, dito.....	26000

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo gallego, alqueire.....	5850
Milho amarello, dito.....	5380
» branco, dito.....	5380
Centeio, dito.....	5480
Feijão branco, dito.....	5480
» amarello, dito.....	5480
» rajado, dito.....	5480
» fradinho, dito.....	5480
Batata, dito.....	5380
Azeite, alimude.....	58000
Vinho, dito.....	26000

Patacas mexicanas—á prata.....	5990	5950
Prata em barra—á ouro.....	5125	5126
Cinco francos—á ouro.....	5880	5900

(Commercio do Porto.)

MOVIMENTO MARITIMO

BARRA DE LISBOA

Dia 9 de janeiro de 1860

EMBARCAÇÕES ENTRADAS

Amazon, paquete inglez a vapor, capitão A. Leggett, de Londres em 8 dias, com fazendas a F. P. Bastos; 24 pessoas de tripulação e 4 passageiros.

Ville de Lisbonne, paquete francez a vapor, capitão J. Ordreoneau, de Nantes em 10 dias e de Vigo em 28 horas, com varias fazendas a H. Juhel; 25 pessoas de tripulação, 1 mala e 3 passageiros.

D. Pedro, paquete inglez a vapor, capitão W. Kennedy, de Glasgow em 17 dias e da Corunha em 2, com fazendas a G. A. Hancock & Comp.; 16 pessoas de tripulação.

Matross, patacho inglez, capitão M. Green, da Terra Nova em 21 dias, com bacalhau a M. Walsh & Comp.; 8 pessoas de tripulação.

Flor do Sado, bateira, mestre J. M. Gouveia, de Setubal em 2 dias, com trigo e encomendas; 6 pessoas de tripulação.

Camões, hiate portuguez, mestre A. Cesario, de Villa Nova de Portimão em 2 dias, com cepa; 5 pessoas de tripulação.